



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

JOCASTA TIRANA

peça teatral de autoria de Edmundo de Novaes Gomes

vencedora, em 2º lugar, do

5º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/2004

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. *“Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”,* exclusivamente, *“nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital”* (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), *“sem ônus para o Município e para os encenadores”,* após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.

JOCASTA TIRANA
EDMUNDO DE NOVAES GOMES

PARA EUGÊNIO GOMEZ

PERSONAGENS

Édipo
Jocasta

Um foco de luz sobre Édipo. Ele entra com uma vareta na mão, cego.

VOZES

No caminho desta vida,
muito espinho eu encontrei.
Mas nenhum calou mais fundo
do que isto que eu passei.
A curvinha do estradão do pensamento não sai.
Eu já fiz um juramento que não esqueço jamais.
Nem que meu gado estoure, que eu precise ir atrás.
Este pedaço de chão, errante, eu não toco mais.

Num outro canto do palco, surge Jocasta.

JOCASTA

Édipo, vem. Tô te esperando, com saudade. Vem. A cama já tá pronta.

Luz sobre Édipo.

ÉDIPO

Jocasta, nossa filha me disse que está muito preocupada. Ela falou que o oráculo...

JOCASTA

Ai, Édipo, pára. Por favor. Tu e Antígona já me dissestes toda essa estória. São tramas, meu querido. Não percebes? O oráculo, o oráculo. Ora!, o oráculo... Não percebes que os oráculos só dizem aquilo que queremos escutar? Que o dia andaré afoito querendo questionar os medos e que a noite rasteja destemida buscando respostas.

ÉDIPO

Ouve o oráculo, Jocasta. Escuta o povo. Esse povo de Tebas, lá fora, agonizando na peste, esperando que eu decifre outro enigma para espantar todos os males. Vê o povo, Jocasta. Ouve o oráculo.

JOCASTA

Olha, amor. Sabe o que o oráculo me disse? Sabe o que ele teve o impudor de me revelar agorinha, quando eu arranjava estes lençóis, quando preparava estas almofadas, (*retirando o seio e insinuando-o para Édipo*) quando ainda cuidava da seiva que aqui está e sentia dores, angústias insuportáveis?

ÉDIPO

Jocasta, eu estou falando sério.

JOCASTA

Eu também, meu amor. Fui à divindade esta tarde. E fui com uma indagação bastante coerente. Ou tu não me crês cristalina?

ÉDIPO

Claro. Não te falei nada disso.

JOCASTA

Não me falou, mas também não quer que eu fale.

ÉDIPO

Quero sim, minha fingidora. Diga logo o que o oráculo te disse.

JOCASTA

Mostrando novamente o seio que havia guardado, agora, apertando-o como se aleitasse.
Ele me disse que tu devias mamá-lo como se hoje fosse tua última oportunidade. Como se a aurora fosse nascer cega. Como se, amanhã, teu pai aparecesse por aqui e tu o matasses. Tu o torturasses nas torturas das mortes intermináveis que só os deserdeiros pais, os pais desinteressados de seus rebentos, podem merecer.

ÉDIPO

Aproximando-se.

E, depois, o que a divindade te disse?

JOCASTA

Sabe o que ela me disse, meu bem? Ela me disse que, logo que teu pai deixasse de sangrar, que o sangue dele se esvaísse inteiro e o Egeu se pitangasse por completo e incauto, tua mãe chegaria com uns seiosinhos salmonados para entregar à tua boca e te rogar: *(já dando os peitos para Édipo)* Mama, filhinho, mama.

ÉDIPO

Jocasta. Jocasta. Já te falei de meus sustos em relação a isto. O oráculo. Sempre as maldições nos enredando em enganos. O povo lá fora, consumindo-se em pestes. Nós, aqui dentro, quase nos afundando neste chão que mal consegue nos segurar. Pragas que nos levam a destruir cidades, a matar pessoas, a destruir amores. Como se o futuro pudesse então ser pressentido. Responde, anda, por quanto tempo esta terra ainda irá nos amparar? Por quanto tempo o oráculo dirá aquilo que podemos ouvir? Por uma noite? Por mais umas horas apenas? A peste está lá fora e nós seguimos neste cárcere. O oráculo...

JOCASTA

Mas foste tu quem nele acreditaste. No oráculo...

ÉDIPO

Acreditei, mas enfrentando-o. Deixei minha cidade, abandonei meus pais. E agora... e agora...

JOCASTA

E agora tu estás aí, de pé, seu tolo. Atormentado, quando devias estar aqui, esquecendo teus medos sob estas sedas, inventando novas dores, decifrando novos enigmas. Vem, meu Édipo, meu esposo, vem. Vem tomar meus seios, ler minhas carnes, inundar, como só tu sabes fazer, estes meus vazios que querem ser irrigados.

ÉDIPO

Não, Jocasta, não. Já te falei de nossa filha.

JOCASTA

Mas o que é que tem Antígona?

ÉDIPO

Ela não tem nada.

JOCASTA

Mas então...

ÉDIPO

Ela é justa.

JOCASTA

Justa? O que é esta justiça? O que é esta verdade? As verdades são opostos que se juntam para poderem se alternar. Hoje, meu tirano, tu és minha verdade. E é por isso que eu quero... que quero minha verdade bem debaixo destes lençóis. Uma verdade enorme e tesa, dura e molhada e viscosa, apaixonada. É isso, meu rei de Tebas. Quero, esta noite, uma verdade apaixonada e ardente, capaz de me dominar. Tu estás atado em nós, como se te apertassem o pescoço. E eu estou cega, não vês que estou cega?

ÉDIPO

Um rei enforcado e uma rainha cega. E encarcerados no próprio quarto, medrosos da coisa que inunda a cidade. Era o que faltava a este povo crédulo! Antígona tem razão...

JOCASTA

Pára com Antígona! Tua filhinha o que faz com sua justiça, com suas verdades, é acompanhar seu tempo. Suas preocupações são cismas, seus zelos são desejos que não é capaz de revelar nem a si própria.

ÉDIPO

Não é ela. É o que ela pensa. Agora, ainda há pouco, me disse que teme sem saber o que teme.

JOCASTA

Ah! E também ama sem confessar a quem ama.

ÉDIPO

Como? O que dizes?

JOCASTA

Digo o que vêem, o que notam, o que sinto.

ÉDIPO

Como o que sentes? Não faz muito, tu me falavas contra os pressentimentos e, agora...

JOCASTA

E agora o que te digo é que tuas ligações com Antígona são...

ÉDIPO

São o quê, Jocasta?

JOCASTA

Estranhas, Édipo. São estranhas. Todos notam a preferência que tens por ela. E não te esqueças: são quatro os filhos que temos. Mas tu, o que parece, é que só tens olhos para Antígona.

ÉDIPO

Agora começo a te entender. Só agora. Quando falas assim de Antígona.

JOCASTA

Não falo assim apenas de Antígona. Falo de todos. Falo de ti. Como já falei de Laio, meu ex-marido. Mas Laio... Laio morreu.

ÉDIPO

Sim. É exatamente isto: quando falas de Laio. Há instantes, quando dizias que tua verdade hoje sou eu, pensei precisamente em Laio. Agora te compreendo. Esta tua verdade já foi ele, já foi Laio...

JOCASTA

Ciúmes, meu rei? E quem mais então esta minha verdade poderia ter sido? Naquele tempo, minha verdade era ele, Laio. E a verdade de Laio era o rapazinho, o menino raptado por meu ex-senhor para que o desnatural pudesse ser inventado. Qual é tua verdade, Édipo? Antígona? Ela é tua verdade?

ÉDIPO

Minha verdade é Tebas, Jocasta. Os homens que tenho que comandar, a justiça que devo estabelecer, as guerras que me cumpre vencer, as perguntas que é necessário responder, as pestes que preciso dominar. E estas verdades é que me enforcam.

JOCASTA

É porque tua verdade é o poder. Aquilo que te faz temer é justamente o que faz o povo se curvar. É o que faz o mundo inteiro se submeter. O poder, Édipo. O poder.

ÉDIPO

Não o poder, mulher. Mas aquilo que ele me exige.

JOCASTA

Aquilo que ele te exige ou o que tu próprio te exigis para que ele não se afaste de ti? Para que ele não se afaste jamais de ti.

ÉDIPO

É o que temos, Jocasta. Deste quarto, hoje, não é possível sair. As pestes estão lá fora. É só o que temos que cumprir.

JOCASTA

Não, meu amor e senhor. Não é só o que temos que cumprir. É antes o que dizem que temos que cumprir. Decifra-me ou te devoro. É por isso que fogem, que planejam raptos, que não dormem com seus amores, que matam, que querem prever o futuro para não se desligar do passado, que mandam até mesmo assassinar crianças, pendurando-as pelos pés.

ÉDIPO

Mas a criança devia ser morta.

JOCASTA

Não. A criança não devia ser morta. Assim como meu antigo senhor não deveria jamais ter sido meu senhor. Pois, sendo meu possuidor, foi também meu algoz. Traiu-me, mentiu-me, raptou-me, para em seguida livrar-me da cegueira. E eu queria ser cega, meu Édipo, como hoje sou contigo. Ainda te comportas como uma criancinha! Não entendes que o que desejo é amar como tenho te amado. Assim não enxergo, assim não vejo, assim me escondo da morte. E só o amor verdadeiro pode nos dar a certeza da eternidade. Nem que seja por um momento breve. Ilusão verdadeira, verdade ilusória; justiça cega, cegueira que vê.

ÉDIPO

Mas a criança devia ser morta, Jocasta.

JOCASTA

Não, Édipo. A criança não devia ser morta. Mas aí estão todos os oráculos, aí está o medo permanente de que as maldições sejam cumpridas. Não. Talvez a culpa não seja de Laio, não seja minha, não seja de nada. Quem tem a culpa de sermos humanos? E se não o fôssemos? Se fôssemos deuses? Qual seria a culpa que carregáramos? A de, ainda assim,

continuarmos imperfeitos? Talvez a única culpa seja da palavra. Uma palavrinha apenas: poder.

ÉDIPO

O poder pode servir para...

JOCASTA

Sim, meu tirano. Ele pode servir para muitas coisas. Pode servir para que, com medo de que ele se vá, abandonemos a quem realmente amamos. O poder são os sussurros que permanecem em nossos ouvidos.

VOZES

Laio, teu amor por esse jovem é contra a natureza.

JOCASTA

E Laio, saciado de culpa, essa culpa que nos arrebenta a todos, me indagava em sua embriaguez, enquanto me estuprava:

VOZES

Tu me condenas, Jocasta? Tu me condenas?

ÉDIPO

Jocasta, pára, moralista. As coisas não são sempre assim. Temos que enfrentá-las.

JOCASTA

É verdade, esposo atormentado. As coisas não são sempre assim. E ainda temos que enfrentá-las aqui, porque a própria peste do que somos nos prende neste quarto. É verdade. Na maior parte das vezes, as coisas são piores. Eu, a moralista! Os fatos são ainda mais terríveis. Mas isso eu não posso contar. E temos que enfrentar, não é mesmo? Não podemos sair deste quarto, deste palácio que fede. No entanto, as vozes, as voezinhas não se afastam.

VOZES

Laio, vou te impor uma maldição.

Édipo, tu matarás teu pai.

Logo, desposarás tua mãe.

JOCASTA

E, então, Laio finge, finge que o juvenzinho morreu, que o juvenzinho se matou. E, então, Laio se casa com Jocasta. Mas o rapaz bonito não morreu dentro de Laio. E Laio também não deixará de querer matar.

ÉDIPO

Mas a criança tinha que morrer. Eu mesmo a mataria... Para não morrer e...

JOCASTA

Sim, talvez o menino tivesse mesmo que ser sacrificado. Talvez devesse ser sacrificado para que, mais tarde, não fosse ele quem sacrificasse. Mas nada disso importa, sabe por

quê? Porque as vozes ainda estão lá. E, não faz assim tanto tempo, na cidade de Corinto, elas disseram: Édipo, tu matarás teu pai e te casarás com tua mãe. E, então...

ÉDIPO

...e, então, Édipo abandona seus pais, abandona sua Corinto. Deixa sua cidade, todos a quem amou até aquele momento. Tudo porque Édipo deve enfrentar o destino. Ele deve lutar, Jocasta. Minha fuga só o que mostra é que busco escapar de meu destino.

JOCASTA

Mais calma, insinuando-se para Édipo.

Bobagens, meu filho, bobagens. Muitas vezes, quando pensamos que já nos esquivamos dele, do destino, o encontramos de frente. Assim, Édipo: bem de frente. Ele está lá, aqui.

ÉDIPO

E, então? Deveríamos aceitá-lo? Mesmo que os resultados fossem trepidantes?

JOCASTA

Não sei, meu jovem amante.

ÉDIPO

Do que tentas me convencer é acreditar que deveríamos viver cada dia como se fosse o último...

JOCASTA

...e cada noite como se fosse a primeira.

ÉDIPO

Como se não nos possuíssem.

JOCASTA

E como se não possuíssemos ninguém senão a nós mesmos.

ÉDIPO

Temos que ficar aqui, esperando que venha o dia. Isso é impossível, Jocasta.

JOCASTA

Acariciando o rosto de Édipo.

Talvez seja mesmo, meu menino.

Mesmo desinteressado, Édipo se deixa enredar. Mas, logo, afasta-se.

ÉDIPO

O que é isso, Jocasta?

JOCASTA

Como posso saber?

ÉDIPO

Desenlaçando-se de Jocasta.

Espera. Ouve. É o povo! Não!

VOZES

A arena já foi montada.

De um lado, o mito encenado.

De outro, a cena mitificada.

Misérias, arfares e tesouros.

Quanto mais vêm

Mais cegos estão.

Não importa a noite.

O homem já não pode deixar seu bastão de lado.

A mulher sabe sempre o que a luz do dia irá trazer.

Sempre sombras.

A peste vai tomar a cidade,

As crianças alimentarão os vermes.

Sempre sombras.

ÉDIPO

O que querem dizer com isso, Jocasta?

JOCASTA

Que a criança não devia morrer, que aquela minha criança não devia morrer.

ÉDIPO

Como não devia morrer? A criança precisava morrer.

JOCASTA

Para quê? Para que o destino não se cumprisse? Mas outro destino se cumpriu. Outro destino matou Laio. Um assaltante que talvez tenha assaltado o próprio destino, criando um outro em seu lugar. Não. O filho de Laio não matou Laio. Porque ele, Laio, o assassinou antes. Assim também, é bem provável que tu não mates teu pai, que ele só morra depois que alguma esfinge nos mastigue. Decifra-me ou te devoro. Isso sim é o que estamos destinados a escutar sempre.

ÉDIPO

Então, se tu mesma acreditas que isso é o que iremos sempre ouvir, que essas são as vozes que sempre irão nos durar na memória, como deixar este lugar? A peste, lá fora...

VOZES

Amando.

Deixando que os corpos se enfraqueçam ao toque de outros corpos,

Que bocas encontrem bocas,

Salivas se misturem,

Suores sejam lambidos por línguas amorosas.

Seduzido, Édipo se entrega.

JOCASTA

Sim, meu Édipo.

ÉDIPO

Não, minha Jocasta.

JOCASTA

Só assim, meu amo e senhor.

ÉDIPO

Nem assim, minha amada senhora.

VOZES

Sedes que encontram sedes.

Fomes que buscam fomes.

Vales de carnes macias.

Alvuras imaculadas.

A luz vai caindo até o escuro se tornar completo.

JOCASTA

Mais assim, meu breve atormentado.

ÉDIPO

Menos, minha tormenta eterna.

JOCASTA

Sempre assim, meu destino irremediável.

ÉDIPO

Nunca assim, minha cegueira irreparável.

VOZES

E, depois de corpos terem sido encontrados em outros,

Bocas em outras bocas,

Salivas misturadas,

Suores sugados,

Saber que o paraíso é desarmonia:

Vive da sede,

Vive da fome,

Vive à míngua.

Silêncio. Música por alguns instantes. Em seguida, a luz foca levemente a cama. Nota-se que Jocasta e Édipo acabaram de fazer sexo. Estão alegres, felizes.

JOCASTA

Ai, meu amor! Ai, meu amor! *(no último, fazendo umas cócegas em Édipo)* Ai, meu amor!

ÉDIPO

Sentindo as cócegas.

Ai, meu temor!

JOCASTA

Suado assim, vermelho assim, com esse ar tão sacana, tu ficas tão lindo.

ÉDIPO

E tu te pareces mais a uma esfinge.

JOCASTA

O quê?

ÉDIPO

Sim. Uma esfinge. Um monstro fabuloso, com esse corpo, garras e cauda de leão, essa cabeça mitológica de mulher, umas asas de águia e unhas de harpia, propondo enigmas aos que passam e devorando quem não os consegue decifrar. Uma cadela!

JOCASTA

Ah!, é. Então, vamos lá, meu fugitivo complexado.

ÉDIPO

Vamos lá, aonde, Jocasta?

JOCASTA

Vamos lá! Vamos ver se tu decifras meus mistérios. Anda, decifra-me ou te devoro.

ÉDIPO

Vai, então. Anda, dona Jocasta. Vai.

JOCASTA

O que é o que é que cai em pé e escorre deitado?

ÉDIPO

Ah, meu bem. Esta é fácil. Esqueces que já decifrei enigmas mais tortuosos? É a chuva, minha doce, que cai em pé e escorre deitada, assim como tu estás agora, entendeste? Por favor, Jocasta. Aumenta um pouco o grau de dificuldade.

JOCASTA

Então, vamos. Por que os homens não têm nenhuma crise na fase madura?

ÉDIPO

Boa, minha égua de Tebas. Muito boa, essa. Trata-se de um enigma sibilino, meandroso. Mas, ainda assim, fácil. Para decifrá-lo, basta pensar com a cabeça de mulheres com mais de quarenta anos, não é mesmo, meu bem? E a resposta é óbvia. Os homens não podem mesmo ter crise alguma na fase madura porque não chegam jamais à maturidade, não é mesmo?

JOCASTA

Adivinhão. Tu és mesmo bom nisso, hein, meu Edipinho. Mas, agora, vamos ver como tu te safas desta: quem é que dá luz ao cego?

ÉDIPO

Luz ao cego?

JOCASTA

Isso mesmo.

ÉDIPO

Como luz ao cego?

JOCASTA

Isto: quem é que dá luz ao cego?

ÉDIPO

Deixe-me pensar, Jocasta.

JOCASTA

Anda logo: quem é que dá luz ao cego? Anda: quem é que dá luz ao cego?

ÉDIPO

Calma, minha aurora.

JOCASTA

Falando rápido.

Quem é que dá luz ao cego? Quem é que dá luz ao cego? Quem é que dá luz ao cego?

ÉDIPO

Luz? Ao cego?

JOCASTA

Tu não disseste que és o melhor vidente? Então, vamos lá. Rápido, meu feiticeiro. (*Falando rápido*) Quem é que dá luz ao cego? Quem é que dá luz ao cego? Quem é que dá luz ao cego?

ÉDIPO

Não sei, Jocasta imprevisível. Nesta, tu me derrubaste. Vamos, diga logo: quem é que dá luz ao cego?

JOCASTA

Rindo e deitando-se, oferecida.

A mãe do cego.

ÉDIPO

E tu, por acaso, és mãe de algum cego?

JOCASTA

Nunca se sabe, meu amor. Nunca se sabe.

ÉDIPO

Como nunca se sabe?

JOCASTA

Nunca se sabe. Vem até aqui, vem. Olha a paisagem noturna. Muito pouco se pode ver. Uma noite, faz tempo, eu estava aqui, neste mesmo lugar, mirando a paisagem noturna. A cidade cheirava mal. Como cheira hoje. Era a peste. A esfinge no meio da arena, na entrada da cidade, devorando os incautos. Ninguém se atrevia a enfrentá-la. Tudo cheirava muito mal. Tebas estava perdida. Mas, na manhã seguinte, tu chegaste, sem medos.

ÉDIPO

Tu te contradizes.

JOCASTA

Não, Édipo. Nunca se sabe. Nunca se pode saber. Sabe, naquela noite, eu olhava a paisagem noturna e me lembrava de um Laio morto, ou de um Laio vivo e lascivo. Como, então, naquela noite, eu poderia saber que, já na manhã seguinte, minha vida estaria mudada, a sorte de Tebas revertida. Eu, casada contigo. E, com o passar do tempo, aprendendo a te amar.

ÉDIPO

Não me amavas e me desposaste. É isto o que não se sabe? É isto o que querias me dizer?

JOCASTA

Claro que não te amava, meu bobinho. Claro que não te amava. Como poderia amar um desconhecido? Alguém surgido da morte de uma esfinge.

ÉDIPO

O dever te...

JOCASTA

Repentinamente irada.

O dever não nos impõe nada. Absolutamente nada. Ou é possível obrigar um ser a amar outro ser. O máximo que se poderia pedir seria tolerância. E eu não te amava. Sabe o que eu era, depois da morte de Laio? Uma puta. Uma puta bem rampeirinha, vulgar. Transando bem com todos e com todas, querendo vingar dentro de mim a loucura que é imaginar seu marido na cama com outro homem, fodendo lá com o brinquedinho dele.

ÉDIPO

Pára, Jocasta. Chega!

JOCASTA

Beijando bem, sabia? Sabia que, aqui na minha cabecinha atônita, Laio e o juvenzinho se beijavam bem? Com uma paixão enorme. Ai, que inveja! Mesmo sem ter visto, eu podia sentir o fogo que consumia aqueles beijos. Ai! Eu também quis matá-lo. Queria sufocá-lo na boca daquele rapaz morto. Fazer com que fosse perdendo o ar, perdendo o ar, perdendo o ar. Então, quando soube que Laio tinha sido assassinado, quis eu mesma ser aquele assaltante. Sim! Sou eu quem deveria ter-lhe enfiado o punhal.

ÉDIPO

Nunca havias me falado assim, Jocasta. Eu...

JOCASTA

Espera. Laio já está morto. E a criança também...

ÉDIPO

Mas a criança devia morrer. Morrendo, cumpriu-se o destino.

JOCASTA

Cumpriu-se? Não, meu menino, a criança não devia morrer. Para quê? Para quê se, estando morta, vive mais que cada um de nós. Vive cada dia mais dentro de mim. Entendes? Tu me entendes?

ÉDIPO

Jocasta... Moralista...

JOCASTA

Não. Tu não podes entender. Como talvez não possas compreender que eu mesma deitei com Laio e o rapazinho diversas vezes.

ÉDIPO

O que me dizes? Estás louca? Não poderias se...

JOCASTA

Apontando para a própria cabeça.

Aqui, meu bonitinho: aqui. E muitas. Inúmeras, meu senhor rei de Tebas. E neste mesmo quarto de onde tu dizes que não podemos sair. Eles fodiam bem. Eu ficava vendo. Ah!, amor. Tu pareces até um personagem destas tragédias que levam agora às arenas. Iludido. Bobinho. Tolo. Teatral. Não consegues imaginar? O pior cego, meu amor...

ÉDIPO

... é aquele que não quer ver.

JOCASTA

Não, Édipo. O pior cego é aquele que quer ver. Mesmo não vendo, eu queria ver, queria enxergar e não conseguia. Quanta angústia aqui. Nunca me acostumei com a situação.

Nunca. E é por isso que te digo: tu não podes me entender. Não poderás jamais entender porque eu não te amava e depois te amei. Te amo. Mas, também não sei porque, sabia que iria te amar, meu menino. Algo me dizia isso. Talvez quem possa saber seja Antígona. Antígona com suas culpas que ainda a farão guiar os cegos. Estou bastante certa mesmo.

Pegando um pedaço de pano e colocando no pescoço, como se se enforcasse.

Tu me trouxeste de volta aquilo que nem sei se tive. Poder ser mãe novamente. Até de Antígona. Amar. Limpar meu corpo, mesmo que para isso ainda tenha que manchá-lo ainda mais. É assim que eu creio: o amor é algo que só é verdadeiro quando construído palavra por palavra. Lembra-te, Édipo: nada do que possamos trazer no peito poderá nos revelar o que acontecerá amanhã, assim que o primeiro raio de Apolo iluminar esta cidade.

A luz se apaga. Escuro total. Novamente, vozes.

VOZES

Muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes,
Para enxergar, para enxergar, para enxergar,
É preciso estar cego, estar cego, cego.

Luz sobre Jocasta que, sentada no chão, limpa os pés de Édipo e chora.

Para ver, não basta o dia.
Para cegar, não basta a noite.
Cordas e nós,
Varetas e mãos,
Pés e caminhos,
Corpos e precipícios.

Édipo se levanta, sentando-se na cama, enquanto Jocasta termina de acariciar seus pés e se recompõe.

ÉDIPO

Jocasta, lembra-te quando Antígona nasceu?

JOCASTA

Sim. E o que tem isso?

ÉDIPO

Nada. Ela era minha linda.

JOCASTA

E então?

ÉDIPO

Nada. São minhas lembranças. Posso até mesmo recordar o momento em que a fizemos. Lembra-te? Tenho absoluta certeza de que foi naquele dia, o sol batia a pino. Cheguei em casa e tu ainda dormias. Nua, completamente nua. A escrava andava na ponta dos pés e deixamos que ela visse, que ela visse tudo. Com o olhar, permitimos. Lembra-te como a

menina suave enquanto olhávamos para ela e nos enlouquecíamos. Ela ia sair e tu ordenaste...

JOCASTA

Fica!

ÉDIPO

E, então, ela veio, tremendo. Sentou-se na cama. Tu olhavas a pobrezinha nos olhos. Ela suando e tremendo. Vermelha. O sol dardejando através das cortinas. Eu, tu, nossos frêmitos. (*mudando o tom*) Tu eras como uma escrava, vendo, em tuas fantasias, Laio e seu rapazinho?

JOCASTA

O que queres? Desejas repetir. Mando chamar a melhor de tuas escravas agora. E tu, então, farás como daquela vez. Cavalgando-me. Montando esta potra de nácar. Se queres, mando acordar uma agora mesmo. Vamos! Vamos! Quem sabe não fazemos até outra menininha para a tua horda, para o teu clã?

ÉDIPO

De onde vens com isto? Já não temos... Ou melhor, minha vaca de Tebas, te esqueces que tu já não tens mais a pingadeira rubra a escorrer-te pelas tetas? Já não podes mais amamentar, minha boa. Já não podes, como há pouco me convidavas, dizer-me assim (*imitando Jocasta*): Vem, filhinho, mama na mamã.

JOCASTA

E tu bem que gostavas, hein! Como ainda gostas.

Retirando o seio e insinuando para Édipo, como se amamentasse.

Mama cá, benzinho. Mama na tua mulherzinha. Nessa mulherzinha que, sem ser Penélope, aprendeu a te esperar. Desde antes, desde muito antes te aprendeu a esperar. Desde além disso, quando os fios talvez nem mesmo existissem para que pudéssemos tecê-los e destecê-los. Desde quando estes peitos ainda não haviam sentido a dor do sangue que esperava ser chupado. Queres? O que queres, meu tirano que, julgando tudo saber, de nada sabe? Meu tirano lindo que...

ÉDIPO

Recuando.

Pára, Jocasta. Pára. Não podemos sair daqui. Temos que esperar o dia.

JOCASTA

Não paro, Édipo, não paro. Reparas que não posso chamar-te lindo? Que não posso chamar-te meu amor? As palavras amorosas são para ti um estorvo. Não posso jamais dizer: amor, carinho, fofo, gostoso, lindo, terno, gentil, guapo, tesudo.

Raivosa.

Sim, meus peitos podem não ter mais o leite puro com o qual Antígona e toda tua horda se empanturraram, quase me deixando seca, mirrada, murcha. Mas aqui dentro (*mostrando os seios*) ainda há sangue e há verdade. Não a tua verdade. Sabes por quê?

ÉDIPO

Tudo o que dizes não é verdade, Jocasta.

JOCASTA

Não é verdade? Como não é verdade? Ou o que é a verdade? A tua verdade poderosa, com a qual soubeste enganar a esfinge? (*mirando o céu*) Ah!, meu Apolo! Como pudeste deixar que tua esfinge fosse enganada? Apolo meu. Meu deus Apolo e belo, que amanhã virás com teus cegos para anunciar tuas mentiras. Tu sabes que não és mais do que somos nós. Nem menos. (*Dirigindo-se, agora, a Édipo*) Mesmo tendo os pés tortos, tu, Édipo, saído do ventre da terra, queres ser um Apolo. Não é mesmo, Édipo, não é verdade?

ÉDIPO

Blasfêmias, Jocasta.

JOCASTA

Loucuras! Pragas? Vem, meu amo. Agora sou tua esfinge. Aquela a quem podes enganar e, logo, enforcar. Embaçando tudo como a noite lá fora ilude a verdade trágica que nos irá colocar a cada um de nós no lugar verdadeiro da ignorância. Talvez já saibamos mesmo de tudo. Talvez...

Mudando de idéia. Brusca.

Anda, Édipo: vai! Decifra-me ou te devoro! O que é o que é que pela manhã tem quatro patas, quatro patas que rastejam como os homens e mulheres que já fomos e que não necessitavam esconder o sexo porque andavam de quatro? Anda, responde quem é esta criatura, esta criança cega, dependurada nas mãos da árvore parteira, cega na arrogância paterna, ainda mais ofuscada pelo desleixe materno. Anda, responde.

ÉDIPO

Esse enigma já foi respondido. E é por isso que Tebas hoje está salva e...

JOCASTA

O quê? Será possível? É por isso também que estamos presos aqui, neste lugar? Será mesmo possível que não sentes o cheiro repulsivo da Tebas que se dilacera lá fora? Da cidade que o que quer é justiça. Não a justiça que foi feita, mas aquela que não te fizeste a ti. Anda, meu amado. A ironia está quase perto de nós. Já posso mesmo vê-la bater à porta. O dia já vem com Apolo. Responde. Sou tua esfinge. E, pela tarde, quem é mesmo que anda com duas patas, tendo aprendido a se levantar? A fazer as coisas, a ser um homem e uma mulher sabedores, criando fatos, manufaturando eventos, realizando artefatos, obrando coisinhas. Quem é, anda, responde quem é?

ÉDIPO

Jocasta, estás alucinada. Pára com isso.

JOCASTA

Não paro. Ao menos soubeste enganar. E conheces bem a resposta deste enigma: quem, pela manhã, anda como cães?; pela tarde, como os cães também, embora adestrados?; e, pela noite, quem é, quem é que anda com três patas? Filho, marido, irmão, amor, dor,

cegueira, pai, fruto. Ai, se pelo menos fôssemos cães... Presos, aqui, neste canil de mundo. Cego! Não enxergas?

ÉDIPO

Pára, Jocasta. Pára com tuas estórias. Eu não estou cego. Posso muito bem ver tudo a meu redor. O que tramam, o que escondem, o que conspiram. Amanhã vão querer o poder que temos. Tudo o que temos.

JOCASTA

Não paro, Édipo. Não paro. Tu, antes, é que devias haver parado. Sofista. Tirano. Quem é este homem? Enganaste a esfinge. Mas a mim não me enganas. Anda. Responde quem é esse homem? Responde. Responde logo, porque o dia já vem.

A luz se apaga novamente. As vozes vêm.

VOZES

Pensa bem, anda, pensa bem.
O que farias, se te dissessem agora,
Como disseram a ele,
Que irias matar teu pai?
Pensa bem, anda, pensa bem.
O que farias, se te dissessem agora,
Como não disseram a ela,
Que irias gozar com teu filho?
Cegarias teus desejos,
Enforcarias tuas palavras,
Matarias teu próprio filho?
Pensa bem, anda, pensa bem.

A luz se acende. Num canto do palco, Jocasta está pendurada, enforcada. Édipo atravessa o palco guiado por uma vareta de cego. Novamente a luz se apaga.

VOZES

Pensa bem, anda e pensa bem.

A um canto, agachado como se fosse uma coruja, está Édipo. Jocasta está do outro lado do palco.

ÉDIPO

Tu és louca. Louca, é isso o que és. O único que quero, o único que buscamos, mulher covarde, é enganar a morte. Só que, para enganar essa velha que corta o fio da vida, é necessário pagar um preço. No meu caso, o preço foi fugir. Fugir para longe, para que o próprio destino não me abraçasse.

JOCASTA

E tu achas mesmo que é possível enganá-lo?

ÉDIPO

Não sei. Mas tu, o que crês? Como pensas ludibriá-lo?

JOCASTA

Já passei por tudo. Não tenho cordas a cortar.

ÉDIPO

Como não tens? Teria sido Laio, teu ex-senhor, por acaso?, quem tomou a criança em suas próprias mãos e a deu ao criado dizendo: Leva para longe e mata. Assassina. Deste-lhe o punhal? Pensaste se a arma estava bem afiada, se a lâmina penetrava com facilidade e, assim, o infante sofreria menos? Ou querias que ele se purificasse com a dor? Confiavas bem no pastor ao qual entregaste teu rebento? E ele, o que tal homem te disse? Olhaste-o nos olhos? Olhaste-o segura nos olhos? E o menino? Chorava quando foi entregue para morrer? Sentia fome? Será que não queria estes teus seios moles para mamar? Quem sabe até não morria engasgado?

JOCASTA

Babaca!

ÉDIPO

Na época, creio eu, estes teus peitos deviam estar bem cheios. As mamas abarrotadas de leite deviam te doer muito! Ou não era leite, mas sangue? O que fizeste para aplacar tua dor? Deste as tetas enormes a Laio e ao rapazinho suicida, durante orgias em que esse mesmo leite, ou sangue!, era misturado ao vinho? Embriagaram-se até a última gota quando o criado voltou dizendo:

VOZES

O serviço está completo, minha boa tirana!

JOCASTA

Pára, Édipo. Não sejas cruel. Pára.

ÉDIPO

Mas se a criança não devia ser morta... Não é isso o que achas?

JOCASTA

A criança tinha que ser morta.

ÉDIPO

Mas, agora, tu é que te contradizes. Anda, responde, oráculo maldito. Não é tempo ainda de rolares pelo desfiladeiro. Responde:

VOZES

A criança devia ou não ser morta?

JOCASTA

Foi Laio quem ordenou.

ÉDIPO

Mas foste tu, infanticida, puta, quem lavraste a sentença, entregando-a a um pastor para que a assassinasse. Por que não a mataste tu mesma? Por que não a afogaste na sala de banho? Por que não a deixaste nua ao lado da janela, tapando-lhe bem a boca para que sufocasse de frio, fome e solidão? Se estivesse viva, não restaria à tal criança senão vir ter com sua mãe e matá-la. Enforcando-a com as próprias mãos.

JOCASTA

Chorando.

Pára, Laio. Pára.

ÉDIPO

Agora, vejam só. Chama-me Laio! Escuta, este aqui que está a teu lado, que contigo teve quatro filhos, que te fode nas noites em que queres ser fodida, que te leva aos banquetes, que te satisfaz tuas orgias de velha que nunca aprendeu a amar, que te deixa sentar no trono a seu lado, que aceita tuas doenças mentais sem reclamar, que te enxuga as lágrimas, que há anos escuta teus delírios...

JOCASTA

Pára, ofuscado. Pára.

ÉDIPO

Sim, este aqui é Édipo. Sim. O Édipo fugitivo e ignorante. Aquele que abandonou Corinto porque o oráculo lhe disse que ele iria matar seu pai e dormir com sua mãe. Sou eu mesmo este Édipo. E realmente não sei aonde vou dar. Aonde tu vais dar. Onde toda essa gente aí fora irá ter. Este cheiro terrível da peste. Não podemos, ou não queremos sair deste quarto? A morte e tudo aquilo que nunca se saberá. Este aqui é Édipo, e não raptou nenhum juvenzinho para ser amaldiçoado. Eu, Édipo, o único que fiz para ser condenado foi ter nascido. Nada mais.

JOCASTA

Acalma-te, meu lindo.

ÉDIPO

Acalmar-me. Pois não és tu quem me quer fazer ver tuas verdades? Então, diz: por que não deixar este lugar, este palácio? Por que não fugir? Para que a peste não venha nos corromper? Mas se já fomos corrompidos. E, agora, aqui, confinados, esperando o dia. Para quê acalmar-me?

JOCASTA

Sim, acalma-te. Quero apenas que tu...

ÉDIPO

E, agora, por favor, não mintas. Eras tu quem, ainda há pouco, me oferecias, em jogos de sedução e sacanagem, teu peito murcho para que eu chupasse. Eras tu mesma aquela quem brincava com meus temores. Rindo, burlando de minhas tragédias. Não sabes que também

eu quero ser o pior cego. Também eu quero ver. Quero enxergar e não posso. Será tudo isso só pelo poder?

JOCASTA

Não te digo isso, minha criança, minha criancinha. Só digo que te amo. Sempre te amei. Até quando... E que estarei sempre a teu lado, não importa o que aconteça.

ÉDIPO

Estarás comigo? Assim como estiveste com Laio, quando entregaste a criança ao pastor?

JOCASTA

Eu te amo.

ÉDIPO

O amor, Jocasta. O amor é um mito. Um mito que não nos pode fazer melhores ou piores. É apenas um mito, engendrado para que nos enganemos a cada curva do caminho.

JOCASTA

Então, meu querido, é nesse mito em que quero acreditar.

ÉDIPO

Acreditar nele para descrever do mundo.

JOCASTA

E para que tu também não sofras.

ÉDIPO

Sofro por meus martírios. Sabes o que é sonhar todas as noites que se está dormindo com a própria mãe, que se acabou de assassinar o pai?

JOCASTA

Bobagens, meu filho, bobagens. Não vês que todos os homens, a maioria deles, sonham, pelo menos uma vez na vida, que dormem com a mãe? Que fazem sexo com a própria mãe! Pergunta a teus melhores amigos, àqueles que de nada sabem e que são de tua inteira confiança.

ÉDIPO

E tenho eu alguém que seja de minha inteira confiança? Estou só. Rei e só. Estamos trancados, Jocasta. Presos!

JOCASTA

Então, pergunta a qualquer um.

ÉDIPO

A qualquer um. Ora, vejam. Se é nisso mesmo em que acreditas, Jocasta, vou te revelar um outro pormenor. Uma coisinha à toa. Espero que não te assustes. Ah! Tu não podes mais te assustar com nada. Já sabes de tudo, não é, sua cadela tebana? Já viste as piores pestes. Já

mandaste matar teu próprio filho. Já te entregaste a quem não amavas. A ti posso revelar tudo, não posso?

JOCASTA

Claro que podes, meu amor.

ÉDIPO

E é mesmo para isso que esta noite nos servirá. Para que nossa intimidade me conduza nos infernos que irão nos acolher. Que irão mesmo festejar a presença de Édipo e Jocasta, tiranos de Tebas. Então, escuta e verás que ainda não sou tão cego assim. No que se refere a minha mãe, meus temores são até brandos. Em meus delírios, em minhas vigílias noturnas, quando te vejo dormindo emaranhada em sedas, com alguma parte da tua alvura iluminando a escuridão do quarto, nessas minhas noites passadas em claro, não penso que tu podias ser minha mãe e que eu te despertasse afoita e a estuprasse violentamente. Não. Sabes o que imagino?

JOCASTA

Diga-me, meu rei.

ÉDIPO

Penso que o que queria mesmo era matar meu pai. Ele, aquele meu pai que me criou com carinho e desvelo. Não sei porque, mas queria matá-lo, dando-lhe com o bastão até rachar-lhe o crânio ao meio, como fiz com os assaltantes que barravam o caminho na curvinha do estradão, na encruzilhada, antes mesmo de vir dar a Tebas.

JOCASTA

Assustada.

O quê?

ÉDIPO

Sim, Jocasta tirana. Não tens mais culpas que eu. É isto mesmo. Queria muito matar meu pai. Estou seguro disto. Queria matar meu pai. Não posso entender o porquê disto tudo. Mas queria matar meu pai. Quem é mais culpado? Tu, que entregaste teu primeiro filho para a morte; ou eu, que sonho com a miséria parricida? Quem sou eu, Jocasta? Quem sou eu?

JOCASTA

Não, meu menino. Quem somos nós? É também o que me pergunto: quem somos nós?

ÉDIPO

Existem respostas, tirana?

JOCASTA

Claro que existem, meu rei, meu martírio, meu milagre, meus suplícios, minhas dúvidas, meus caminhos, meu amor.

ÉDIPO

Não. Não existem respostas.

Mais uma vez, Jocasta se insinua para Édipo.

JOCASTA

Não. A única ignorância é o amor. É nele que nos cegamos. É por ele que estamos aqui. É por ele que não queremos enxergar. Vem, meu amado, deita teu corpo junto ao meu e esquece. Ama-me, Édipo. Quebra-me o corpo com o mesmo bastão com que abriste a cabeça dos assaltantes do caminho, daqueles que não queriam te permitir passar. Não foi para isto que vieste? Para me matar, para me moer de amor? Não importam as culpas, não te deixes assustar pelos medos, não dê razões aos sábios. O poder é teu. Não deixes que a luz entre jamais. Fecha bem as cortinas. Impede a chegada de Apolo.

Jocasta vai despindo Édipo com furor. Ele cede.

E, agora, anda. Faz de mim o que quiseres. Vem, meu tirano e algoz. Meu menino que nasceu para ser meu homem. Vem, entra dentro de mim e me mata inteira. Vem, enfia logo teu punhal.

ÉDIPO

Não posso, Jocasta. Não posso mais com meu punhal.

JOCASTA

Irônica.

Meu menino, estás cansado. Fatigado com toda essa gente lá fora, na tua cabeça. Isso acontece. Não te importes.

ÉDIPO

Meu Deus!

Mais uma vez, as luzes se apagam.

VOZES

Pensa logo o que irás fazer
Quando tua espada não mais cortar,
Quando de tua boca não mais vierem alegrias,
Quando teus seios mirrarem.
Pensa logo, vem.
Pensa logo.
E bem.

Acende-se a luz.

JOCASTA

Vem dançar, Édipo. Falta pouco para que Apolo comece a soprar a luz de todo conhecimento. Vem, meu amado senhor de Tebas. Falta muito pouco para que a noite adormeça. Esta noite, não vamos dormir.

ÉDIPO

O que pretendes, Jocasta? Estou cansado.

JOCASTA

Levantando-o da cama. A música começa a tocar.

Não, meu senhor. Hoje, devemos comemorar.

ÉDIPO

Comemorar o quê? O odor pestilento que envolve a cidade? O que mais? As palavras ternas que acabamos de nos dizer? A prole condenada que vaticinou o oráculo? Não há o que festejar.

JOCASTA

Sim que há, meu amor. É preciso comemorar estarmos todos vivos, ainda com forças para mentir.

Puxando Édipo com força.

Vem, vem dançar.

ÉDIPO

Tu és mesmo a pior entre as piores. Queres me fazer de ridículo. É isto o que queres, não é mesmo?

JOCASTA

Ridículo. Por que ridículo?

ÉDIPO

Como és cínica! Em tantos anos juntos, nunca dancei contigo. E tu sabes disso. E conheces a causa.

JOCASTA

Causa. Mas que causa?

ÉDIPO

Cínica. Vil. Devias andar em matilhas. Ladrando, latindo, rosnando, uivando. Finges. Finges inteiramente. Não vês o caráter que tens. Onde estão teus filhos, enquanto, obstinada, zombas de teu rei e esposo. Não querem saber de ti. Jamais desejarão saber de ti. Nem os vivos, nem o morto. És uma cadela vulgar. Nem a morte te salvará.

JOCASTA

Não sei a que vens. Tu, fedelho mimado. Anda, põe-te de pé. Quero que bailes comigo.

ÉDIPO

Irado e mostrando os próprios pés a Jocasta.

Não. Antes, olha para mim. Olha para estes pés. Estes pés tortos e inchados, furados para que por eles possam passar as argolas dos forçados. Olha, anda, manda buscar o aro grande. Não é isso o que desejas? Amarrar-me ao pé de ti?

JOCASTA

Isso é o que tu pareces buscar. É o que tu pareces ter procurado a vida inteira. Alguém que te acorrente. Uma mãe. E eu não estou aqui para isto. Para te subjugar.

ÉDIPO

Mas não te furtas a me prender.

JOCASTA

Como tu não te inibes em me manter cativa, aqui, neste palácio.

ÉDIPO

O que queres é zombar de mim. Sabes bem que não posso dançar. Que rodar pelos salões para mim seria tão desajeitado como tem sido rolar pela vida.

JOCASTA

A vítima. Aqui temos a vítima.

Enchendo dois cálices de vinho e oferecendo um deles a Édipo.

Pelo menos isso merece uma comemoração, não é mesmo?

ÉDIPO

Vadia. Decrépita. Sabes também que não bebo.

JOCASTA

Sei. Claro que sei. Sei que não bebes porque o idiota que te falou que eras um bastardo, que não foste jamais filho dos pais que te criaram, esse imbecil estava bêbado, encharcado, avinhado como um poeta ou um general acostumado a olhar sempre o próprio umbigo e a ganhar concursos patéticos. Tens que te tratar, Édipo. Sabes por que, meu pobre? Um dia, tu serás esquecido. Ninguém se lembrará de ti. O mar naufragará esta nossa terra. Só os peixes voltarão a enxergar.

ÉDIPO

O quê?

JOCASTA

É preciso que, muito urgentemente mesmo, te internes em termas, num balneário turco qualquer. Quem sabe não te curam com umas águas milagrosas? Banhos que te expurguem a sujeira desse corpo imundo, dessas tuas mãos sangrentas e dessa tua cabeça vazia. Anda, brinda comigo ao que irá amanhecer.

Jocasta toma a taça e, à força, faz com que Édipo a beba.

JOCASTA

E agora? Estás melhor? O vinho serve para esconder as culpas. Bebe, bebe mais, bebe.

Jocasta enche a taça e novamente faz com que Édipo a beba de um só trago.

Bebe e verás. Verás que, pelo menos até a aurora, estarás bem escondido atrás desta verdade. Toma, toma mais. Embriaga-te.

Édipo enche sua taça e a bebe mais uma vez. E de novo.

JOCASTA

Estás gostando. Agora vêes o que perdeste todos estes anos. Como poderias teres te aliviado da vontade de matar teu pai, do desejo de estuprar tua mãe.

ÉDIPO

Queria mesmo era me matar!

JOCASTA

Ah! O efeito já te sobe e suaviza a consciência. Te põe mais imoral. Mas isso será por pouco tempo. Por muito pouco tempo. Logo, outra verdade será anunciada. E, em seguida, mais outra e outra e ainda muitas mais. O tempo está perdido, até que resolvamos dar fim a ele. E isso, nós mesmos podemos fazer. Podemos até nos matar, sabias? Mas, agora, vem. Me estupra, como fez Laio. Faz comigo o que sempre quiseste.

Édipo começa a rasgar as roupas de Jocasta. A transa é alucinada e violenta.

Isso. Não é assim que querias? Faz com ardor. Faz, indecente. Menino pornográfico. Machuca, anda, machuca a tua velha. Mutila. Arranca os pedaços. Incendeia tua febre. Bate. Anda: bate. Enforca!

Apagam-se as luzes.

VOZES

Pensa e anda.

Pensa e faz.

Pensa bem.

Pensa aquém.

Pensa além.

Não penses mais.

Penumbra. Jocasta e Édipo extenuados.

ÉDIPO

Jocasta. Não posso te entender. Num instante...

JOCASTA

...num instante viva; no outro, morta.

Como se falasse para outra pessoa.

Toma, pastor, eis aqui meu filho. Eis aqui meu filho para que o sacrifiques.

ÉDIPO

Mas a criança devia ser morta, Jocasta.

JOCASTA

Não. Hoje a coisa não é assim mais. Não vêes que por ti sou capaz de qualquer coisa. Que por ti sou capaz até de me enforcar. Olha bem para mim. A mãe que querias é esta que aqui vêes. Esta tua fêmea que usou o amor para acabar com aquilo que leva aqui dentro.

ÉDIPO

Calma, minha rainha atormentada.

JOCASTA

Como calma?, se Apolo já anuncia suas primeiras luzes. Mas, talvez, as luzes de Apolo venham só para revelar a escuridão em que vivemos. Quem sabe aquilo que vivemos agora, na penumbra deste quarto, entre lençóis suados, almofadas atiradas, vestidos rasgados, quem sabe não seja tudo isto a verdadeira luz?

ÉDIPO

Uma penumbra que descobre...

JOCASTA

... e um clarão que ofusca.

Jocasta se dirige à janela.

JOCASTA

Já vem um dia, Édipo. Mais um dia. E, com ele, chega também o imprevisível, com o qual deveremos aprender a viver.

Ruídos vêm de fora. O dia começa a clarear.

ÉDIPO

Jocasta, o que são esses rumores?

JOCASTA

São teus filhos, meu amado.

ÉDIPO

Como meus filhos?

JOCASTA

Teus outros filhos, Édipo. Aqueles sobre os quais teu poder se exerce.

ÉDIPO

Para que vêm, Jocasta?

JOCASTA

Dissimulada.

Estarei a teu lado, te cuidando como sempre te cuidei.

ÉDIPO

Mas que filhos são estes, minha senhora? São apenas crianças, Jocasta.

JOCASTA

Teus filhos de Tebas, teus filhos do mundo.

ÉDIPO

Mas se nem os identifico. São muitos, são infinitamente muitos.

JOCASTA

Sim, são muitos. E são todos teus filhos. Homens e mulheres do teu clã. Contigo, compartilham a mesma dúvida.

ÉDIPO

Que dúvida, minha tirana?

JOCASTA

Não sabem quem são.

ÉDIPO

Nenhum deles?

JOCASTA

Nenhum deles, meu pequeno.

ÉDIPO

E por que vêm?, se Apolo mal atirou suas primeiras setas. Se também eu não sei quem sou.
As luzes começam a ofuscar os olhares de Édipo e Jocasta, direcionados em direção a estas mesmas luzes.

Por que vêm, Jocasta?

JOCASTA

Vêm por causa da peste. E para que tu decifres o enigma tantas vezes repetido.

A luminosidade, agora, cega completamente.

ÉDIPO

E eu decifrarei este enigma, Jocasta? Saberei quem sou?

JOCASTA

Não.

ÉDIPO

E eles, minha tirana? Eles saberão quem somos?

JOCASTA

Também não, meu Édipo.

Apaga-se a luz repentinamente. Escuro total, depois de uma claridade que cegava.

VOZES

Não é bastante falar.

Não é bastante viver.
Não é bastante pecar.
Não é bastante perder.
Não é bastante ganhar.
Não é bastante morrer.
Não é bastante andar.
Não é bastante entender.
Não é bastante parar.
Não é bastante sofrer.
Não é bastante não crer.
Não é bastante pensar.